

Malária não é mais uma doença rural

DANIELLE NOGUEIRA

A malária está se urbanizando. Considerada uma doença típica de zonas rurais, a infecção vem se agravando nos centros urbanos da Amazônia Legal, onde estão concentrados 99% dos casos registrados no Brasil. A responsável pela mudança no perfil dos pacientes é uma combinação de fluxos migratórios, cada vez mais intensos e frequentes em direção às cidades, e a precariedade do sistema habitacional dos lugares que absorvem esses fluxos. A avaliação é de Wilson Alecrim, da Fundação de Medicina Tropical do Amazonas, que faz palestra sobre o tema, hoje, na 7ª Reunião Nacional de Malária, no Rio.

“A casa do *Anopheles* – mosquito transmissor da malária – é a floresta. Mas, à noite, ele se desloca para as periferias em busca de alimento. É aqui que o inseto encontra as condições ideais para transmitir a doença. A estrutura das habitações nessas áreas é muito precária, facilitando a penetração do mosquito. Como grande parte das pessoas que hoje mora nas periferias já habitou o interior, muitas têm malária. O *Anopheles* as pica e carrega com ele o sangue contaminado, infectando sua próxima vítima”, explica Alecrim.

Além de estar se deslocando das zonas rurais para as urbanas, o número de casos de malária também está crescendo. Em 1997, foram registrados 405.049 casos, segundo dados da Fundação Nacional de Saúde

(Funasa), a menor incidência da década. No ano seguinte, esse número subiu para 471.892 e, em 1999, para 632.813, um aumento de 34% em relação ao ano anterior.

A intensificação das chamadas atividades primárias, como o garimpo, a extração de madeira e a agricultura – que ganhou um impulso com um número maior de famílias assentadas na Região Amazônica – são as razões apontadas para o salto, segundo Alecrim. O médico acredita, no entanto, que o quadro será revertido nos próximos anos devido à

implementação do Plano de Intensificação do Controle da Malária, anunciado em julho.

Com verba de R\$140 milhões, o plano prevê a contratação e

capacitação de pessoal, além de aquisição de microscópios para viabilizar o diagnóstico. “Acreditamos que esse plano, diferente dos outros já implantados na Amazônia, vá reduzir em 50% a incidência da malária na região”, diz Carlos Caetano Loiola, assessor técnico da Funasa.

“Até agora, os projetos tinham se limitado a ações intervencionistas. Foi sempre uma tentativa de repetir um grande plano de erradicação da malária aplicado no fim da década de 60 e que conseguiu extinguir a doença nas regiões Sudeste, Centro-oeste e Nordeste. Na Amazônia isso nunca funcionou. O novo projeto tem por objetivo estruturar o serviço local e, com isso, valorizar as ações locais”, completa.

Retrato da doença

Anos	Número de casos no Brasil
1997	405.049
1998	471.892
1999	632.813

Fonte: Fundação Nacional de Saúde